



www.delfimsantos.org

O pensamento pedagógico de Delfim Santos

Jacinto do Prado Coelho (1966)

Porto: *O Comércio do Porto* 06.12.66, 14.

A morte de Delfim Santos roubou à cultura portuguesa um dos seus valores mais representativos. De genuína vocação filosófica, depois de se licenciar na Faculdade de Letras do Porto, onde foi discípulo de Leonardo Coimbra, completou a sua formação na Áustria, na Alemanha e na Inglaterra, entre 1935 e 1942. Desde logo repartiu os seus estudos pela Filosofia e pela Pedagogia, manifestando acentuada inclinação para o existencialismo. Era, desde 1950, o único português catedrático de Pedagogia. Na universidade portuguesa não há, porém, nem institutos pedagógicos nem licenciatura ou doutoramento em Pedagogia – o que limitou a sua ação num domínio fundamental em qualquer país. Quando Delfim Santos traçou o perfil de Adolfo Coelho como pedagogo, reconhecendo nele um grande mestre cujos pontos de vista permanecem, em boa parte, atuais, sublinhou que Adolfo Coelho pensava, como Dilthey, que «a pedagogia é o domínio da radicalidade última de toda e qualquer cultura». Delfim Santos, aliás, vivia ao ensinar o seu ideal pedagógico, ensinar era, para ele, um ato de criação através do diálogo.

A doutrina pedagógica por ele exposta em *Fundamentação Existencial da Pedagogia* (1946) e noutros escritos menores pressupõe obviamente uma ponderada conceção do Mundo e do Homem. No cerne dessa conceção encontramos o respeito pela diversidade do real que conduz a uma posição pluralista, nem materialista, nem espiritualista, porque espírito e matéria são de natureza diferente e irredutível: «As formas de monismo, de base ontológica ou gnosiológica; (lemos em *Filosofia como Ontologia Fundamental*), são consequências da ilegítima extensão de um núcleo de já coordenada objetividade ao que analogicamente se supõe suscetível de identificação. Mas a metafísica como ontologia fundamental indica-nos a via do pluralismo coerente na determinação categorial das regiões da realidade». O humano concreto (diz-nos outra vez Delfim Santos, corroborando o matemático Sebastião e Silva) «é irredutível a fórmulas matemáticas»; e, porque a ciência existe para o homem e não o homem para a ciência, «tornou-se inevitável (prossegue Delfim Santos) a revisão do conceito de ciência a partir da situação existencial do homem».



www.delfimsantos.org

Qual é o homem que a pedagogia vem servir como supremo valor? Um ser lábil, inseguro, inquieto, que vive no tempo, presa da angústia; mas um ser consciente, que transporta consigo o mundo, e capaz de autosuperação, dotado de indefinidas virtualidades, convivente digno de admiração e de amor. Cada homem é diferente de todos os outros, contribuindo, por essa diferença, para o enriquecimento comum. Visando a autenticidade pessoal, a pedagogia como Delfim Santos a concebe, mais que individualista, afirma-se personalista; «*Personalidade — escreveu em Da Filosofia — não é só originalidade, mas também comunidade, Dissolver a personalidade na originalidade ou anulá-la na comunidade valem o mesmo — a perda do valor social do homem*». Respeito pela pessoa humana e sentido da vida em comunidade são os dois polos que norteiam a sua doutrina pedagógica. «*A sociedade — insiste em Fundamentação Existencial da Pedagogia — é uma comunidade de pessoas e não um conjunto de indivíduos. A diferença pode ser assim enunciada: o indivíduo é um ser que a sociedade, por sua culpa, não admitiu ou segregou do seu convívio. A pessoa é sempre portadora dos valores sociais do homem, porventura pouco úteis a determinado tipo de vida, mas sempre úteis como expressão de humanidade. Destes nada há a temer, ou só os temem aqueles que, como indivíduos, defendem falsamente determinado tipo de ordem social*».

Destas ideias decorre o método educativo preconizado, A inserção do homem no tempo, no devir histórico, invalida os paradigmas imutáveis: «*Não é possível em educação valores absolutos ou ideais supratemporais, que desconheçam a relatividade e limitação do ser humano*». A verdadeira educação consiste em cultivar, em despertar e desenvolver, até à plenitude possível, as diferenças que encerram valores, forças de renovação e da humanização, quer nos homens individualmente considerados quer nas gerações que se sucedem, ansiosas de autodescoberta e de autoafirmação, Reprimir, sufocar, evitar o diálogo é, para o educador, uma confissão implícita de fêlência, precisamente o contrário de educar, pois, na verdade, formando-se e não conformando-se é que o educando aprende a ser homem. «*Autêntica formação exige preliminarmente uma radical desformação. Só então é que a forma primitiva poderá ser patente aos olhos do próprio homem. Educar é, portanto, levar o homem ao contacto consigo mesmo, ao seu autoconhecimento, à sua autópsia, como diziam os pedagogos renascentistas, numa palavra, à busca do único absoluto no horizonte da vida humana: — autenticidade*». (*Fundamentação Existencial da Pedagogia*, p. 39). Decerto, este generoso ideal pedagógico pode muitas vezes colidir com interesses de outra ordem, que tendem antes a uniformizar, a reprimir, a automatizar; Delfim Santos . é o primeiro a chamar a atenção para o facto, algumas linhas depois: «*Infelizmente, a sociedade está organizada de tal maneira que lhe interessa mais a repressão que a orientação*», Mas o seu otimismo, a sua confiança na vida, tão elevada que atribui à angústia função terapêutica e, *lato sensu*, pedagógica) levam-no a admitir que os obstáculos apresentados por tal engrenagem social sejam ainda um estímulo para que o indivíduo, pondo-se à prova, refletindo sobre si próprio, cresça interiormente e se realize como pessoa.



www.delfimsantos.org

Atualmente, com a preocupação da quantidade de conhecimentos (em detrimento da qualidade, da cultura, da formação pessoal) e com o acesso de massas humanas cada vez maiores à escolaridade nos diversos graus, a situação da pedagogia não é animadora. Os problemas de administração escolar sobrepõem-se aos problemas verdadeiramente pedagógicos. Os números esmagam-nos (tantas escolas primárias, tantos liceus, tantas escolas técnicas, tantos professores, tantos alunos, em tantos de tal...); a estatística deslumbra-nos. Mas como se ensina, sobretudo como se educa? Onde estão os professores com formação e consciência pedagógicas, os professores que não se limitam a transmitir, bem ou mal, aquilo que sabem, mas capazes de ensinar a pensar, a aprender, a viver, capazes de estimular no educando o poder de iniciativa, de o levar a cultivar em si próprio o que lhe confere personalidade, pela inteligência, pela sensibilidade, pela imaginação, pelo querer? Onde os professores que procedem segundo a convicção de que lhes cumpre, não *construir*, mas sim *descobrir*, de que a escola deve ser «*uma oficina de homens e não uma fábrica de autómatos*»? Decerto estes professores são ainda, aí de nós, muito poucos, em todos os níveis escolares. Na própria Universidade, torna-se difícil arrancar os alunos à comodidade do psitacismo a que se habituaram. Já em 1946 Delfim Santos o notava: perante a invasão dos *pescadores de diplomas*, o próprio docente universitário corre o sério risco de se transformar num *repetidor*. Depois dessa data, a situação só se agravou, e de modo assustador.

Fruto duma *vocação* irreprímível, duma inteligência sensível, insubmissa, aberta ao dinamismo do real, e duma cultura de feição europeia, o pensamento pedagógico de Delfim Santos, expresso, aliás, num estilo claro, ágil, de fórmulas por vezes aliantes, merece largamente ser estudado e divulgado. Mais do que nunca me parece oportuno, num momento em que justificadamente se proclama que da educação depende o progresso do país (e é de crer que não se vise menos o progresso espiritual que o material), mas em que tão pouco se vivem e debatem os problemas autenticamente pedagógicos. Não percamos a esperança. Talvez, *post mortem*, venha a alargar-se na escola portuguesa e na própria organização do ensino a lição renovadora que, até hoje, através dos seus discípulos, a obra e o exemplo de Delfim Santos já terão exercido.

Jacinto do Prado Coelho